

A tal branquitude

Ana Isa Lepsch

I

Eu gostaria de começar este escrito falando da dificuldade que tive em escolher o tema. Quando vi a lista dos textos indicados, a única coisa que pensei foi que não queria falar sobre racismo. Como eu poderia falar sobre algo que não sofro e nem vivo? O que eu teria a dizer sobre isso? Contudo, o tema ia, voltava e incomodava. E não encontrei nenhuma outra possibilidade ou saída que não fosse escrever sobre racismo. Sobre o meu racismo. E sobre o meu lugar permeado da branquitude herdada de imigrantes europeus.

Tomo a liberdade de contar uma história pessoal, porque se faz necessário para justificar o que se passou comigo ao fazer este trabalho, e que, espero, possa servir para alguma mudança. A minha dificuldade com o tema se tornou um pouco mais notada há alguns anos, quando, num encontro entre amigos, me coloquei numa situação bastante equivocada, da qual muito me envergonho. Ocorre que havia alguns negros no encontro e me vi fazendo um discurso, ou, mais precisamente, tomando a palavra para defender alguns ideais, como se eles não fossem capazes de fazê-lo e precisassem da minha eloquência e heroísmo. Talvez minha falta de percepção tenha se aproveitado de um certo rebaixamento momentâneo da consciência para aflorar, mas o fato é que aflorou. Pelas reações externas percebi que eu tinha invadido um lugar que não era o meu, falando de um lugar que não era o meu e tratando como objetos, sujeitos que acabaram sendo por mim silenciados. Na intenção inconsciente de amenizar a minha culpa branca, sofro um golpe narcísico. Não sou racista! Sou?

O fato é que depois disso fiquei mais cuidadosa sobre o tema e acredito que também tenha ficado mais resistente em tratar do assunto. Afinal, não caberia a mim falar sobre isso por não ser negra e não precisava e nem deveria, ufa, que bom, o meu conforto ficaria garantido. Contudo, o conforto esperado não apareceu. Pelo medo de roubar um lugar de fala que não me pertencia, optei por me calar, como se eu não tivesse nenhum papel nisso. E manter escondido o que insistia em aflorar e me confrontar. Demorou para que percebesse que não só eu poderia como deveria ter um lugar para tratar o assunto, mas falando responsabilmente de um lugar próprio, não como objeto de opressão do sistema racista, mas de um lugar de sujeito, que obteve e ainda obtém tantos benefícios com este sistema de opressão. A tal branquitude.

Esta insistência motivou uma pesquisa prévia sobre os autores indicados e algumas referências foram tardiamente descobertas, como a obra de Neusa Santos Souza, Lélia Gonzales e Virginia Bicudo. Apenas um começo.

Para fazer a articulação, a partir da ótica da minha branquitude, dos temas estudados no semestre, foi feita a leitura do belo depoimento de Ta-Nehisi Coates a seu filho, tão intenso quanto tocante. E com a obra de Frantz Fanon, que eu também desconhecia.

Eu gostaria de começar este escrito falando da dificuldade que tive em escolher o tema. Quando vi a lista dos textos indicados, a única coisa que pensei foi que não queria falar sobre racismo. Como eu poderia falar sobre algo que não sofro e nem vivo? O que eu teria a dizer sobre isso?

Contudo, o tema ia, voltava e incomodava. E não encontrei nenhuma outra possibilidade ou saída que não fosse escrever sobre racismo. Sobre o meu racismo. E sobre o meu lugar permeado da branquitude herdada de imigrantes europeus.

Tomo a liberdade de contar uma história pessoal, porque se faz necessário para justificar o que se passou comigo ao fazer este trabalho, e que, espero, possa servir para alguma mudança. A minha dificuldade com o tema se tornou um pouco mais notada há alguns anos, quando, num encontro entre amigos, me coloquei numa situação bastante equivocada, da qual muito me envergonho. Ocorre que havia alguns negros no encontro e me vi fazendo um discurso, ou, mais precisamente, tomando a palavra para defender alguns ideais, como se eles não fossem capazes de fazê-lo e precisassem da minha eloquência e heroísmo. Talvez minha falta de percepção tenha se aproveitado de um certo rebaixamento momentâneo da consciência para aflorar, mas o fato é que aflorou. Pelas reações externas percebi que eu tinha invadido um lugar que não era o meu, falando de um lugar que não era o meu e tratando como objetos, sujeitos que acabaram sendo por mim silenciados. Na intenção inconsciente de amenizar a minha culpa branca, sofro um golpe narcísico. Não sou racista! Sou?

O fato é que depois disso fiquei mais cuidadosa sobre o tema e acredito que também tenha ficado mais resistente em tratar do assunto. Afinal, não caberia a mim falar sobre isso por não ser negra e não precisava e nem deveria, ufa, que bom, o meu conforto ficaria garantido. Contudo, o conforto esperado não apareceu. Pelo medo de roubar um lugar de fala que não me pertencia, optei por me calar, como se eu não tivesse nenhum papel nisso. E manter escondido o que insistia em aflorar e me confrontar. Demorou para que percebesse que não só eu poderia como deveria ter um lugar para tratar o assunto, mas falando responsavelmente de um lugar próprio, não como objeto de opressão do sistema racista, mas de um lugar de sujeito, que obteve e ainda obtém tantos benefícios com este sistema de opressão. A tal branquitude.

Esta insistência motivou uma pesquisa prévia sobre os autores indicados e algumas referências foram tardiamente descobertas, como a obra de Neusa Santos Souza, Lélia Gonzales e Virginia Bicudo. Apenas um começo.

Para fazer a articulação, a partir da ótica da minha branquitude, dos temas estudados no semestre, foi feita a leitura do belo depoimento de Ta-Nehisi Coates a seu filho, tão intenso quanto tocante. E com a obra de Frantz Fanon, que eu também desconhecia.

II

Várias são as minhas manifestações internas – conscientes e inconscientes – que denotam forças conflitantes em mim: a negação; o sentimento de culpa, o superego julgador, o infamiliar.

Hoje acredito que a negação – “como a recusa da percepção de um fato que se impõe no mundo exterior” – (LAPLANCHE e PONTALIS. p. 293) tenha funcionado a serviço do meu suposto conforto. A convicção de que *não* sou racista e de que vivemos numa democracia racial

funcionaram para que eu *não* precisasse me incomodar com a questão. Faz pouco tempo que eu me perguntei quais foram os colegas de faculdade negros que tive. Penso que, dos quatrocentos colegas da minha turma, apenas quatro eram negros. Ou será que eram mais e eu não havia... enxergado que eram negros? Uma universidade pública, 1% de alunos negros? Ou será que o meu olhar estava pré-programado não os ver? Lembrando Freud em *A negação*:

Harmoniza-se muito em com esta concepção da negação o fato de que na análise não encontramos nenhum ‘não’ vindo do inconsciente e de que o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu se exprime numa fórmula negativa. Não há prova mais forte de que conseguimos desvelar o inconsciente do que o analisando reagir dizendo: ‘Não pensei isso’ ou ‘Nisso eu não (nunca) pensei’. (FREUD, S. 1923/1925)

Certo, então, agora eu sei que sou assim. Como superar? Afinal, saber e elaborar vêm de instâncias separadas e não obedecem a uma linearidade. A minha negação está a serviço da manutenção deste sistema, que, claro, me dá vantagens, mas também me dá este desconforto, que tira o sono e faz doer o estômago. Porque a minha branquitude cria o meu racismo. É indissociável. Ao me categorizar como não racista – olha a negação aí de novo – acabo criando a minha própria estrutura racista particular. Porque isso não gera questionamento, não gera análise, não gera reflexão. E entra para a perigosa seara do não dito.

É importante falar também sobre o sentimento de culpa inconsciente que pode estar por trás deste incômodo. E começo com minha antiga concepção de que não devemos ver cores. Indício de cegueira? De acreditar que negros e brancos são tão iguais, que não há necessidade de tratamentos compensatórios. E o que fazemos com quatrocentos anos de escravidão formal? Talvez nunca venha a existir compensação suficiente. Tampouco o sentimento de culpa irá melhorar algo. A minha ascendência europeia trouxe algumas histórias de família das dificuldades enfrentadas por alemães e italianos que vieram ao Brasil fugindo da pobreza e da fome. Essas histórias certamente colaboraram para que eu visse alguma simetria entre sua situação e a situação dos negros escravizados pelo império português e brasileiro até o século XIX. Foi preciso uma colega negra, num momento de paciência e generosidade, me chamar a atenção para a total assimetria entre as situações, e que o fenômeno da escravidão foi totalmente diferente do fenômeno da imigração. Que você ser sequestrado em seu país, em sua casa, de sua família, para ser escravizado em outro continente é de uma violência incomensurável e incomparável com a situação de alguém que escolhe, ainda que dentro de um espectro bastante estreito e precário, imigrar para exercer trabalho remunerado, usufruindo de liberdade e possibilidade de ascensão social. E outras diferenças mais, como o conhecimento das origens, que me foi possibilitado e aos negros descendentes de pessoas escravizadas, negado, subtraindo-se, desta forma, a possibilidade de elaboração dos traumas históricos pela via da narrativa transmitida. Eu poderia citar até as cidades de onde vieram meus antepassados, enquanto a ela apenas foi dado conhecer que seus antepassados tinham vindo da África. Como se isso tudo não bastasse, a imigração passa a fazer parte de uma política de branqueamento da população brasileira, que vai reforçar a estrutura racista plantada desde o começo da exploração do Brasil-colônia, redundando no que hoje chamamos de branquitude. Branquitude como política de Estado.

E neste contexto pude perceber onde estou inserida: como beneficiária de uma série de privilégios, incluído aí, dentre outros, a mobilidade social e econômica pelo simples fato de ter estudado em uma universidade pública. Que pude cursar graças ao fato de poder ter estudado em boas escolas, em parte privadas. E que pude me dedicar apenas aos estudos, sem necessidade de trabalhar, porque não estava amarrada a esta falta de mobilidade social que acomete quem não consegue formação mínima. Teriam os escravizados tido a possibilidade de “fazer a América”? Como Luigi Tosi e Hans Lepsch tiveram? Só se fosse pra fazer a América para os brancos.

A minha branquitude recém-descoberta caiu em mim como algo estranho, e foi então que entendi perfeitamente o conceito de estranho familiar traduzido pelo freudiano *unheimliche*. A coabitação de um duplo em mim. Nas palavras de Neusa Santos:

[...] isso se dá porque a imagem do duplo se confunde com o eu ideal, imagem de plenitude e onipotência com que sonha nosso pequeno e frágil eu. No entanto, é por aí mesmo, por fazer contraste com nosso miserável eu, por assinalar nossa precariedade, é por isso que a imagem do duplo ganha seu sentido terrorífico, ameaçador. (SOUZA, N. S. 2021. p.125/126)

E segue, esclarecendo como outra raça pode entrar para a categoria de estranho, assim como o feminino, assim como outro país, assim como outra língua, assim como outro modo de gozo. Porque a norma seria sempre o europeu, o fálico, o adulto, o masculino:

Nesse campo aberto habita o estrangeiro, o diferente, o que caminha em outra direção. Mora aí nessa região sem fronteiras aquele que convive com outro sentido, com outra significação, e que passeia por outros mundos possíveis. Mundos em que reina outra lógica, em que se fala outra língua. (op. cit.)

Se sairmos da seara do individual e pensarmos um pouco na esteira do coletivo, qual a proporção que esta negação assume quando encarada sob o prisma das massas? Onde os afetos são concentrados e os pensamentos diluídos? Isto quando a postura de racismo não é assumida ou, pior ainda, reforçada, o que sempre aconteceu e vem acontecendo cada vez mais nos últimos tempos.

Não é possível viver bem num mundo como o descrito por Ta-Nehisi Coates. Não há meio termo, ou nos horrorizamos ou aceitamos. Não tem sentido, nem nunca terá. Uma das histórias mais tocantes do livro autobiográfico *Entre o mundo e eu* foi a passagem em que o seu pai diz a sua mãe, quando ele é encontrado depois de se perder num parque que “ou eu bato nele, ou bate a polícia”. Pela mistura ambivalente de violência e proteção, medo e amor. Pela necessidade de ser violento com quem se ama achando que só assim se combateria uma violência maior. Ou ainda quando apanha do pai quando é roubado por um outro garoto, por se deixar roubar. Ou quando ameaça a professora do nono ano por se exceder. Não saber se defender renderia uma violência, mas se defender em excesso, ou atacar, renderia outra violência. E assim vai se formando uma cultura do medo. Uma cultura da destrutividade, na qual aqueles que não conseguem encontrar um caminho do meio acabam sendo expulsos das escolas e jogados nas ruas. O racismo é destrutivo, portanto, pura pulsão de morte, para quem sofre e para quem aplica. E se aproveita da capilaridade de sua

estrutura para se alastrar, e no caso de Coates, faz isso desde que o sujeito nasce e vai se perpetuando através das gerações, desde antes de sua concepção. Podemos aqui pensar em como ficaria sua chegada ao mundo e como essa expectativa afetaria sua formação como sujeito.

Como ficaria a libidinização com a qual será investido e a formação de seu inconsciente, além das relações com pai e mãe? O sujeito já nasce castrado, num mundo que despersonaliza sua existência e o coloca na posição de objeto de uma estrutura sofisticada e feita para ser perene. Nasce com a ferida narcísica feita. E é jogado e fixado numa posição de desamparo dentro do desamparo que caracteriza o humano, ficando limitadas as saídas e as possibilidades de criar saídas para lidar com tal desamparo. Lembrando que o escravizado é colocado num não lugar, é um não ser, é um objeto, que, como tal, não possui alma. Para ficarmos num único exemplo, como fica a individualidade de um jovem negro de periferia ao saber que, para a polícia, ele já vem ao mundo trazendo na cor de sua pele a presunção de culpa penal? Que será considerado culpado não importa o que aconteça ou que diga, se é que chegará a ser ouvido? E, como temos visto diariamente, cabe a ele, inclusive, a pena de morte? Aliás, que este sujeito está excluído de um ordenamento jurídico protetivo, apenas o acusatório? Só se torna sujeito quando na posição de réu. Quais os efeitos psíquicos que esta pessoa terá diante de tanta precariedade e desamparo?

O Brasil tem a tendência de jogar pra debaixo do tapete toda sua sujeira para que assim todos acreditemos na democracia e na democracia racial. Assim foi com nossas ditaduras e assim tem sido com a escravidão, que, como não é discutida, nem analisada e nem pensada, acaba sendo perpetuada, repetida e reproduzida. Nas palavras de Maria Rita Kehl, comentando a afirmação lacaniana de que o “inconsciente é a política”:

O inconsciente é a política, porque guarda (também) os restos não escritos/não elaborados dos traumas históricos. O inconsciente capta e guarda o não dito e o interdito, tanto na esfera familiar quanto na esfera pública. O recalado *se transmite* e produz efeitos que *só depois* serão nomeados e inscritos na cultura que os produziu. As próprias transformações, progressistas ou regressivas, que afetam permanentemente as formas da cultura, ocorrem como que à revelia dos sujeitos – que delas participam *sem saber o que fazem*. (KEHL, M. R. 2018, p. 7-8)

III

Não basta ser não racista. É preciso ser antirracista. E neste caminho há muito o que fazer. E fazer isso de um lugar de branquitude para se respeitar o lugar de fala e partir para a reparação efetiva. Pensar em uma desconstrução que seja simultânea a uma construção. É parecido com um processo de análise pessoal, em que olhamos para o passado, falamos sobre ele, muitas e muitas vezes, e então podemos lembrar, repetir e elaborar. Falar, falar, falar, escutar, escutar e escutar. Escutar de um negro o que é ser negro. Há tantas possibilidades. É preciso falar sobre a escravidão. As ações afirmativas são imprescindíveis, mas são só o começo. É preciso que esta superação se torne uma política pública de reparação. É preciso se discutir na academia a escravidão brasileira, do ponto de vista do sujeito afrodescendente e do ponto de vista do europeu

imigrado. É preciso criar disciplinas nas escolas que falem da história da escravidão no Brasil, que mostrem ao jovem estudante de onde vieram seus ascendentes e dar o direito a que conheça sua origem. É preciso falar das figuras dos capitães do mato e sua relação com nossas polícias, que assombram e condenam pessoas pelo seu fenótipo. É preciso falar da situação de violência a que os povos africanos foram submetidos ao serem sequestrados e da perpetuação desta violência dentro dos presídios e favelas.

E falar sobre a diferença entre a escravidão e a imigração, que fale sobre a política de branqueamento da população brasileira e das tentativas de apagamento do negro. É preciso se valorizar a influência da cultura africana na cultura brasileira. É preciso estudar esses temas no ensino fundamental. É preciso que se criem museus do holocausto racista, do passado e do presente. É preciso a desmistificação da nossa democracia racial e da cordialidade do povo brasileiro. É preciso que nossa branquitude saia do papel de opressor. É preciso que nossa branquitude saia do papel passivo de não racista e assuma o papel ativo de antirracista. O principal é se falar a respeito. Sem amarras e sem censuras. Como numa análise.

Referências

- COATES, TA-NEHISI. *Entre o mundo e eu*. Tradução: Paulo Greiger, 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- FANON, FRANTZ. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FREUD, S. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 99/150.
- _____, S. *Obras completas volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923/1925)*. Tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 275/282.
- _____, S. *Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____, S. (1920-1923). Tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 16/31.
- KEHL, M. R. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Miriam Rosa Debieux. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2ª. Edição, 2018, p. 7-8.
- LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROSA, M. D. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2ª. Edição, 2018.
- ROUDINESCO, E. E PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SOUZA, N. S. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p.121 a 130.
- AULAS ONLINE
- Aula Departamento de Formação em Psicanálise: "Psicanálise e as relações étnico-raciais" - prof. Deivison Faustino - <https://www.youtube.com/watch?v=xLr5zIiHwtw>.
- Aula Departamento de Formação em Psicanálise: "Psicanálise e as relações étnico-raciais" - prof. Professor Emiliano Camargo David: <https://www.youtube.com/watch?v=HQ9zs4YJaLw>.